

MAR/ABR/1987 - Nº 2

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

Pode o Pastor Ter Amigos?



Fogo de Deus na Evangelização

ARTIGOS

3 UM SACERDOTE DE OUTRA TRIBO
Almir Alves da Fonseca

6 O MINISTÉRIO E AS NECESSIDADES HUMANAS
E. Stanley Chace

9 PODE O PASTOR TER AMIGOS?
Benjamim D. Schoun

13 FOGO DE DEUS NA EVANGELIZAÇÃO
Salim Japas



Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Rogério Sorvillo Vieira; **Programador Visual:** Cláudio Sampaio de Oliveira; **Capa:** Clípper; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luis Nunes, Jefte de Carvalho.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279 - Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34 - 18270 - Tatuí, SP.



Um Sacerdote de Outra Tribo

A coisa que poderia parecer mais estranha para um israelita seria, por certo, que pudesse surgir alguém se dizendo sumo sacerdote, e que não pertencesse à tribo de Levi. Como sabemos, essa tribo foi inicialmente escolhida por Deus (Êxo. 32:25-29), ao que parece, por ter permanecido fiel, ao ser feito o bezerro de ouro. É verdade que Arão, seus filhos e o próprio Moisés, pertenciam a ela, o que pode ter aumentado a simpatia de Deus em seu favor.

Seja como for, o fato é que "o Senhor separou a tribo de Levi, para levar a arca do concerto do Senhor, para estar diante do Senhor, para O servir, e para abençoar em Seu nome até o dia de hoje" (Deut. 10:8). Era, portanto, contrário à decisão tomada por Deus, considerar sacerdote um membro de outra tribo que não aquela por Ele indicada. E nenhum leitor das Escrituras, que as examinasse sem uma iluminação especial do Espírito Santo, teria verificado a possibilidade de uma alteração naquela decisão celestial.

Não obstante, o autor da carta aos Hebreus verificou que, não pertencendo à tribo de Levi, mas à de Judá (Heb. 7:14), Jesus, o Filho de Deus, não só é Sumo Sacerdote, mas um "grande Sumo Sacerdote" (Heb. 4:14). E chegou a essa conclusão pelo menos de três maneiras: Uma delas, baseada na afirmação da promessa divina de estabelecer com a casa de Israel e com a casa de Judá (Heb. 8:8) um novo concerto; outra, fundamentada na declaração bíblica (Sal. 110:4) de que nosso Senhor seria "sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque"; e, em terceiro lugar, com base no fato de que o sacerdócio de Cristo contava com um juramento (Heb. 7:20) que não deveria falhar.

Como se sabe, logo depois de ter deixado o Egito, o povo israelita fez um concerto com Deus (Êxodo 19), concerto este logo quebrantado pelos hebreus. O pacto firmado no Sinai entre Deus e os israelitas abran-

gia muitas coisas, entre as quais a lei que determinava a ordenação de sacerdotes para o ministério (Heb. 7:11). O autor de Hebreus argumenta que, "se aquele primeiro (concerto) fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo" (Heb. 8:7).

O segundo concerto a que faz alusão o escritor, é aquele que é mencionado por Jeremias (Jer. 31:31-33). Nele, estava previsto um dos resultados mais característicos do serviço sacerdotal de Cristo — Sua misericórdia para com os pecadores, e esquecimento das transgressões (Heb. 8:12). Comentando mais uma vez as mesmas declarações do concerto, o autor conclui: "Ora, onde há remissão destes, não há mais oblação pelo pecado" (Heb. 10:18).

O texto de Jeremias 31:31 a 33, comumente usado para mostrar que os mandamentos de Deus só mudaram de tábuas de pedra para as tábuas de carne do coração, mas não deixaram de existir — o que não deixa de ser verdade — é, portanto, um texto inteiramente relacionado com a obra sacerdotal de nosso Senhor. Revela a transição que haveria de sofrer o antigo sistema de ministério, de um sistema "repreensível", porque incapaz de extinguir o pecado, para um sistema em que o pecado seria perdoado e esquecido, segundo comenta o escritor de Hebreus.

A ORDEM DE MELQUISEDEQUE

Se Jesus, como Sumo Sacerdote, não pertencia à tribo de Levi, mas à de Judá (Heb. 7:13 e 14), em virtude do novo concerto estabelecido com a casa de Israel, a ordem sacerdotal à qual pertencia também era diferente. Seu sacerdócio tinha como antecedente Melquisedeque, ao invés de Arão. Aliás, o sacerdócio de Cristo não é a mesma coisa que o levítico, assim como a sombra não é o corpo, embora tenha relação com este.

É interessante notarmos que os argumentos em Hebreus se baseiam em textos bíblicos — em geral profecias — que foram trazidos ao conhecimento dos israelitas depois do concerto do Sinai. Dessa maneira, como a profecia de Jeremias 31:31-33 indicou o surgimento de um novo concerto, ou de um concerto em condições diferentes, assim a declaração do Salmo 110:4 também deveria indicar uma nova ordem sacerdotal, da qual faria parte o Filho de Deus — a ordem de Melquisedeque. Cerca de 600 anos se haviam passado, depois que o concerto sináutico fora estabelecido, quando Davi mencionou essa nova ordem sacerdotal.

Sem que os israelitas tivessem percebido, passaram-se mais de 900 anos de predição do surgimento de um Sumo Sacerdote que não pertenceria às fileiras dos levitas. O assunto, contudo, não passou despercebido ao estudioso autor de Hebreus. Agora, argumentava ele: "De sorte que, se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (porque sob ele o povo recebeu a lei), que necessidade havia logo de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e não fosse chamado segundo a ordem de Arão?" (Heb. 7:11).

MUITO O QUE DIZER

O Melquisedeque a cuja ordem pertenceria Cristo, é o mesmo que foi encontrado com Abraão (Gên. 14:18-20) quando este retornava da perseguição aos reis que haviam levado prisioneiro seu sobrinho Ló. O escritor previne seus leitores (Heb. 5:11) de que não é fácil interpretar aquilo que pode ser dito com respeito a esse personagem, embora muito possa ser falado sobre ele. De fato, as Escrituras falam de Melquisedeque em três dos seus livros, o que não deve ser por mera casualidade.

Melquisedeque é o nome que em hebraico se escreve *Malki-çadheq*, e cujo significado é, de acordo com o *Novo Dicionário da Bíblia*, vol. II, pág. 1024, "Sadeque é (meu) rei". Ficamos impressionados quando verificamos a quantidade de pormenores com os quais procura o escritor bíblico (Heb. 7:1-4) explicar quão importante é esse personagem. Seu nome, título e outras particularidades, parecem ter feito parte da demorada pesquisa do escritor, ao querer mostrar a ligação com Cristo, da discutida figura de Melquisedeque. Aspectos há, ligados com ele, que nos levam a considerá-lo mais do que um ser terreno, apenas.

Hebreus 7:1-4 permite-nos pensar que Melquisedeque não era uma pessoa co-

mun. Embora o texto nos diga que ele era rei de Salém, explica que esse suposto título é uma "interpretação" (verso 2) do seu nome; isto é, Melquisedeque significa "rei de justiça, e depois também rei de Salém, que é rei de paz". Não podemos, portanto, considerar Salém, neste verso, como nome próprio de algum lugar governado por Melquisedeque, enquanto atribuímos aos títulos "rei de justiça" e "rei de paz" apenas significados do seu nome. Sendo, como indica o texto, "interpretação", devemos considerar a todos como significados; do contrário, teríamos que também pensar em alguma localidade ou país denominado Justiça, e outro com o nome de Paz, todos regidos por Melquisedeque.

Além disso, do ponto de vista político, não parece muito natural que o rei de um país estrangeiro viesse até o lugar onde se encontrava Abraão, naquele momento, para receber dízimos. Como relata o livro de Gênesis (cap. 14:17), Bera, rei de Sodoma, saiu ao encontro do patriarca no vale de Savé, onde propôs que Abraão lhe desse as almas (verso 21) e ficasse com os despojos. Não seria muito cômoda a posição de Melquisedeque, como alienígena, numa região que acabara de sair de um conflito armado; ainda que Bera, rei de Sodoma, fosse um dos derrotados. Sobre haver dúvidas quanto à Salém da qual Melquisedeque seria rei, visto que havia dois lugares com esse nome, segundo os comentaristas, deve-se tomar em consideração os pontos acima salientados.

Há quem considere a descrição "sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida" (Heb. 7:3) como indicando falta de registro da vida de Melquisedeque. O contexto, entretanto, parece não favorecer essa espécie de interpretação. É pouco provável que o autor de Hebreus se tenha demorado tanto sobre estas particularidades, simplesmente para não omiti-las. Parece irrazoável estar defendendo uma tese e, ao mesmo tempo, apresentar pontos que não contribuam para torná-la mais convincente; a menos que se esclareça que se trata de especulação. À luz de outras expressões, entretanto, entendemos que elas constituem pontos contrastantes na experiência da pessoa à qual se referem, em comparação com outros seres.

Um dos argumentos apresentados pelo escritor é com relação às pessoas que estavam autorizadas a receber dízimos (Heb. 7:8). Referindo-se a elas, declara: "E aqui certamente tomam dízimos homens que morrem; ali, porém, aquele de quem se tes-

tifica que vive." Ora, se a falta de pai, de mãe e de genealogia de Melquisedeque é questão de ausência de registro, o mesmo já não se pode dizer quanto a ele continuar vivendo centenas de anos depois de receber os dízimos de Abraão. O texto em questão parece bastante claro, ao pôr em contraste "homens que morrem" com alguém que não morreu. Basta que coloquemos na frase os termos ocultos da oração gramatical, e teremos: "Ali (na região onde Abraão se encontrava), porém, (tomou dízimos) aquele (homem) de quem se testifica que vive". Assim, as palavras "não tendo princípio de dias nem fim de vida", não devem ser consideradas como uma perda de registro, ou a falta de conhecimento deste, mas como inexistência, por se referirem a um ser cuja existência não é limitada pelo tempo.

Comenta o escritor sagrado, com respeito a Melquisedeque que, "sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre" (Heb. 7:3). Toda a argumentação usada na carta aos Hebreus tem por finalidade ressaltar a importância do sacerdócio de Cristo — um sacerdócio que, para ser superior ao levítico, deveria ser eterno. Para mostrar, portanto, que Melquisedeque não era um ser perecível, declara-se ter ele sido feito "semelhante ao Filho de Deus", e que "permanece sacerdote para sempre".

De acordo com algumas fontes, Abraão viveu entre os anos 1900 e 1800 A.C., se usarmos números redondos; e Davi, por volta de 900 da mesma era. Nos dias de Abraão já não era comum as pessoas viverem muito mais de cem anos. Entretanto, segundo o comentário feito pelo escritor de Hebreus, referente ao Salmo 110:4, Melquisedeque ainda continuava vivo quando Davi escreveu o referido salmo (Heb. 7:8), ou seja, cerca de mil anos mais tarde. "Ali, porém", diz ele, "aquele de quem se testifica que vive." Entre os seres humanos, nem Matusalém teve existência tão prolongada!

É bastante cômoda, portanto, a posição dos que consideram prudente não se desejar saber muito sobre Melquisedeque. Contrariando essa opinião, o autor de Hebreus investigou-lhe a genealogia, parentesco, grau de importância (recebeu dízimos de Abraão), origem e significado do nome, além de outras particularidades. E o que é curioso, usou apenas as Escrituras como fonte de pesquisa para sua tese, além do fato de ter sido inspirado para fazer a investigação.

"SANTA CEIA" NO VALE DO REI?

O livro de Gênesis (cap. 14:18) declara que Melquisedeque era sacerdote do Deus Altíssimo. Diz também, ou pelo menos dá a entender, que Abraão estava no vale de Savé, cujo significado é "vale do rei", quando esse sacerdote lhe saiu ao encontro, levando-lhe pão e vinho.

Certa ocasião, em debate com Seus opositores, Jesus lhes disse: "Abraão, vosso pai, exultou por ver o Meu dia, e viu-o, e alegrou-se." S. João 8:56. Ele se referia a um acontecimento muito importante da vida de Seu grande amigo: a ocasião em que, em substituição ao seu filho Isaque, que se achava sobre o altar, pronto para ser imolado, foi-lhe mostrado um cordeiro atado "pelas suas pontas" (Gên. 22:13). Aquele animalzinho, que o patriarca tomou e ofereceu em lugar do filho, deu-lhe um vislumbre do dia em que o Filho de Deus haveria de ser sacrificado em favor da humanidade. Abraão alegrou-se por ter visto aquela cena.

Pode ser, entretanto, que essa não tenha sido a única vez que aquele servo de Deus tenha recebido alguma indicação do sacrifício expiatório de nosso bendito Senhor. Embora as Escrituras não sugiram isso, o pão e o vinho que ele recebeu das mãos do sacerdote do Deus Altíssimo bem poderiam ser os primeiros símbolos do corpo e do sangue de Cristo (S. Mat. 14:22 e 23), entregues em nosso benefício. Quem sabe, aquele a cuja ordem sacerdotal deveria pertencer o Filho de Deus, ofereceu ali no vale de Savé, o vale do rei, a primeira Santa Ceia, usando os emblemas do corpo e do sangue do Salvador. E como, posteriormente, em Moriá, Abraão teve razões para alegrar-se.

Tudo pode não passar de uma cogitação, mas naquela ocasião, e relacionado com uma pessoa como o grande patriarca, não se pode excluir a possibilidade. A verdade é que em face do significado daquele encontro, das verdades profundas a que veio ligar-se em anos posteriores, enfim, dos seus desdobramentos, torna-se cabível a figura de uma Santa Ceia antecipada. "Feito semelhante ao Filho de Deus" (Heb. 7:3), Melquisedeque poderá ter ministrado os mesmos emblemas que o Salvador serviu a Seus discípulos centenas de anos mais tarde, num cenáculo de Jerusalém.

UM SACERDÓCIO DEFINITIVO

Outro ponto que os leitores de Hebreus não deviam passar por alto, é que a profecia que indicava o Messias como sacerdote, não sofreria alteração. Jesus seria feito fiador "de tanto melhor concerto" (Heb. 7:22),

porque o Seu sacerdócio contava com o juramento divino (Heb. 7:20) de que a decisão de torná-Lo sacerdote seria definitiva. "Jurou o Senhor, e não Se arrependerá", dizia o Salmo 110:4, "Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque."

O sacerdote levita não dependia de juramento da parte de Deus para ser investido da função medianeira (Heb. 7:20). "A lei do mandamento carnal" (Heb. 7:16), isto é, a lei levítica que regia a escolha para a função de sacerdote, conferia-lhe esse título.

Comentando em outro lugar (Heb. 6:17) o significado de um juramento feito por Deus, diz o autor do livro de Hebreus, referindo-se a um compromisso divino assumido com Abraão e seus descendentes: "Pelo que, querendo Deus mostrar mais abundante-

mente a imutabilidade do Seu conselho aos herdeiros da promessa, Se interpôs com juramento". Por esse juramento, os descendentes do patriarca seriam abençoados e se multiplicariam como a areia do mar.

Essa "imutabilidade do Seu conselho" haveria de ser válida também quanto ao ministério sacerdotal de Cristo. Deus não Se arrependeria jamais de ordená-Lo para esse santo ministério, só que a ordem sacerdotal seria outra. A ordem de Arão não mais forneceria os homens que estariam entre o povo "nas coisas concernentes a Deus" (Heb. 5:1), mas o Sacerdote por excelência seria buscado na ordem de Melquisedeque. O povo já não deveria ser servido por "homens que morrem" (Heb. 7:8), mas por Alguém que permaneceria indefinidamente (Heb. 7:23 e 24).

E. STANLEY CHACE - Pastor e Educador

O Ministério e as Necessidades Humanas

Mais de uma vez tenho passado por humilhações em meu ministério, tanto pastoral como educacional, em virtude de minha ineficácia no trato com problemas espirituais críticos. Ao refletir sobre essas experiências, cheguei à conclusão de que a maioria de tais insucessos tinha sua raiz na falta de preparo. E a falta de apreciação pelos recursos disponíveis e à mão. Nesta reflexão vi, mais de uma vez, a história da igreja em microcosmo.

Tão freqüentemente falamos sobre "a igreja", que passamos por alto um ponto de extrema importância: nós somos a igreja. Assim, quando falamos sobre problemas da igreja, falamos de nossos próprios problemas. A medida de nosso sucesso em nosso ministério será a medida do sucesso da igreja; a medida de nosso fracasso é, por correlação, a medida do fracasso da igreja.

Por falta de preparo, e, por conseguinte, por ineficácia, a igreja tem estado muitas vezes em posição desoladora, enquanto os homens, por sua vez, têm afundado no desespero. Tragicamente, muitos têm chegado à conclusão de que a igreja está morta como instituição espiritual, ou, se viva e lutando, totalmente fora de contato com a realidade.

Se a igreja é fraca e falha, é porque nós praticamos um ministério sem vida. A natureza humana, entretanto, tem uma tenacidade tal que a leva a mudar de uma direção da qual não lhe vem socorro, para outra de onde o auxílio pode vir.

É A RELIGIÃO INADEQUADA?

Há, nas Escrituras, uma experiência que nos dá a essência de problemas humanos e sua solução. O Salmo 73 contém a história

de um homem que, embora praticante da religião formal, havia achado a religião inadequada para as perplexidades da vida. Contudo, ele não foi precipitado em pôr de lado sua religião. Antes, buscou primeiro ajuda dos líderes espirituais de seu tempo.

Os problemas deste homem não eram diferentes dos que encontramos diariamente. Ele estava confuso pela inconsistência dos homens de seu tempo. Ficava perplexo pela visível prosperidade dos ímpios e confuso pela indiferença de seus pares pela total bancarrota da moralidade. E, nesta confusão, buscou auxílio. "Se há Deus, por que Ele permite tais coisas? Onde está Deus, no momento em que devia estar levando estas coisas a um fim? Se Deus realmente existe, por que não responde a minhas orações?"

Buscando resposta a essas indagações, como que lhe foi dito, em essência: "Sim, existe Deus, mas não é Ele essa infantil imagem de um pai que você alimentou em sua mente. Ele é um Deus grande, grande demais para estar preocupado com coisas triviais como os acontecimentos deste mundo ou com os de sua vida. Pragmaticamente, Deus está morto!"

O herói deste salmo era uma pessoa racional. Se Deus estava realmente morto — e a proposição parecia-lhe racional em vista das condições sociais de seu tempo — então era um perfeito absurdo dedicar-se mais ao que havia sido sua religião até agora. Assim, como o faria um intelectual honesto, ele alijou de si sua fé religiosa. Virou as costas à igreja e saiu a proclamar sua recém-encontrada liberdade. Ora, não percam de vista o significado deste último ponto. Ele era um homem que tinha chegado ao ponto de abandonar sua fé. Estava livre, tranqüilo, não mais sujeito a conceitos fora de moda de seus antepassados; e agora se dispunha a levar aos outros seus novos pontos de vista.

Como é da natureza de quase todas as narrativas bíblicas, os pormenores não contam. Neste caso, não nos é dada a explicação de como ou por que as coisas tomaram o rumo que tomaram; mas o relato bíblico nos informa que antes de chegar a levar a outros sua experiência, ele encontrou a igreja.

O resto do salmo contém o louvor deste homem pelo seu encontro com a igreja e pelo fato de não ter chegado a causar prejuízos a outros em virtude de sua temporária perda de fé no Deus vivo. Em outras palavras, ele descobriu que Deus não estava morto; ao contrário, estava bem vivo, e a diferença era a descoberta deste fato em sua experiência.

CEPTICISMO MODELA O PENSAMENTO HUMANO

Vivemos hoje num século de desintegração espiritual e moral, quando o cepticismo modela o pensamento humano. Não é afirmar demais que o homem vive hoje num ambiente de crise — de muitos tipos de crises. Em geral, é nos períodos críticos da vida que a consciência religiosa é despertada. Ela conduz a uma busca de respostas. E nestas indagações, como no Salmo 73, as pessoas têm a oportunidade de encontrar a igreja, talvez por vosso intermédio, ou por meu intermédio. Se estivermos fora de forma em nosso ministério, o desejo humano de alívio é tal que eles buscarão ajuda em outras fontes. E sabemos que outros ministradores serão encontrados, ministradores que na verdade serão prejudiciais, por isto que podem oferecer cura apenas parcial.

Seria um insulto à inteligência pôr em dúvida a medicina psicossomática. Desde 1930, temos tido mais do que empírica evidência de que, aquilo que o homem crê, afeta sua saúde, tanto mental como física.

Não precisamos minimizar o grande progresso que se tem feito no tratamento de enfermidades mentais e seu relacionamento com manifestações físicas. Na busca de saúde mental, entretanto, tem sido geralmente esperado que a religião colabore com o comportamento das ciências, e nunca a ele se oponha. Assim, quase que por omissão, o clérigo se encontra substituído pelo cientista.

AUMENTAM AS ENFERMIDADES MENTAIS

Um estranho e perturbador paradoxo nos confronta. A despeito de nosso crescente progresso no campo da psicologia, de nossa progressiva técnica de sofisticada psicoterapia, e da aceitação cada vez maior de ambas, enfermidades mentais estão aumentando em vez de diminuir. Devido a uma multidão de fatores, o sofrimento das pessoas não tem diminuído, mas se tem agravado penosamente. Isto tem produzido considerável preocupação entre os que trabalham no campo da saúde.

Ora, seria grosseira mistificação se fôssemos atribuir ao psicoterapeuta ou ao procedimento do cientista a causa em si desse mal, embora alguns, como Fromm e Mowrer, estejam prontos a afirmar que eles não podem ser totalmente absorvidos. O fato é que eles, como nós mesmos, estão muitas

vezes tratando apenas os sintomas das enfermidades em vez de as causas.

Quando examinamos de perto a psicoterapia, descobrimos que alguns dos instrumentos mais eficazes são implementos tomados emprestado à igreja. Esses processos incluem ouvir, encorajar, aconselhar e transferir, até o ponto em que o paciente encontra segurança em poder confiar no conselheiro. A despeito do fato de que a técnica do terapeuta é muito mais multifforme que a do ministro, a cura da alma está gravitando cada vez mais fora das mãos da igreja para as mãos do psiquiatra. Por quê?

Uma das razões, possivelmente, é que os pacientes preferem causas físicas para suas dificuldades; e o psiquiatra, sendo médico, pode encontrar tal causa. Se consegue encontrar essa causa, então o paciente está livre da necessidade de enfrentar a realidade de sua vida interior. Uma causa no corpo é geralmente menos perturbadora do que uma causa no caráter.

O PRESTÍGIO VESTE O PSIQUIATRA

Uma segunda razão é que os pacientes temem ao pastor. Tenho-me sentido esmagado desde que deixei o ministério formal para descobrir até que ponto o leigo deixa de ter confiança no homem de Deus. Ele teme que o pastor faça um sermão, ou oração, ou julgamento moral de seu caso. Este pode ser um dos fatores que contribuem para a popularidade do conselho não diretivo.

Outro fator pode ser o vasto prestígio da ciência médica que reveste o psiquiatra. Muitas pessoas são encorajadas em sua confiança pelos tremendos êxitos da medicina moderna, e transferem essa confiança ao psiquiatra em virtude de sua identificação com a medicina. As vitórias da igreja, entretanto, são de gerações passadas.

Também pode ser que muitos, considerando o psiquiatra diferente do clérigo, creiam que ele está mais em dia com importantes descobertas sobre a mente humana. Há um sentimento de que o clérigo tem usado todo o seu conhecimento com pouco sucesso, e que não há novos conhecimentos que ele possa utilizar e que sejam de benefício ao paciente.

À luz destas considerações, não é difícil à mente moderna chegar à conclusão: "Aqui está um novo ramo da Ciência. Deus, se existe, tem demonstrado que só opera mediante leis naturais." E não são poucos os membros do clero que abonam esta idéia.

Um fato sobremodo importante pesa grandemente contra esta solução totalmen-

te secular. Este fato é sempre insistente verdade de que o que um homem crê determina em grande medida tanto a sua saúde física como mental. A fé religiosa, por ser básica, muitas vezes se torna a mais importante de todas as crenças. Algumas autoridades estão convencidas de que uma das razões por que a psiquiatria não tem sido mais bem-sucedida ainda, é sua predisposição secularista de descartar a religião como fator benéfico para fixá-la apenas como fator causal de distúrbios mentais.

Gostaria de explorar a mais significativa contribuição que pode ser feita à saúde mental e na qual o clérigo tem uma definida vantagem sobre o psiquiatra típico. A moderna psicologia dá muita atenção à agressão, hostilidade, rivalidade, poder à ansiedade, mas atenção apenas microscópica aos elementos de amor dos relacionamentos humanos. Temos a tendência de esquecer que esses estados negativos, sempre presentes nas desordens mentais, são desenvolvimentos secundários. Aparecem quando o plano de atividade da vida sofre distúrbios. O que tem estado a reclamar nossa atenção é arregimentação de fenômenos reativos que resultam da ausência ou da privação do amor. A segurança que resulta de ser amado e de dar amor a outros é a base de saudável existência em qualquer idade da vida.

Por contraste, a religião oferece uma interpretação e regra de vida baseadas inteiramente no amor. Ela chama a atenção continuamente para este terreno fundamental. A ênfase sobre isto é insistente em toda a Escritura.

É possível que esta própria insistência da religião tenha, em parte, sido responsável pelo "adorável tabu" que tem marcado muito da psicologia. Havendo rejeitado a perspectiva religiosa para a cura das almas, a Ciência considera esta cura como mais realística, e centra-a nas condições reativas do homem — o ódio, a agressão, o impulso sexual, etc.

AMOR DE DEUS, MAIOR ANTÍDOTO

Uma mudança, entretanto, tem estado a desenvolver-se, e já os psicólogos estão notando mais e mais a incondicional necessidade da criança por segurança e amor dentro do lar. Em alguns exemplos, esta segurança está sendo descoberta como igualmente válida entre adultos que têm apaixonada fome de associação com a família, com seus colegas e com a comunidade. Maior potencialidade para cura existe na afiliação com o infinito —

pertencer a Deus, identificar-se com Ele e ser aceito por Seu amor.

Em outras palavras, minha proposição é que o amor de Deus ainda é o maior antídoto para os males do homem. Pela própria relutância da terapia secularmente orientada em prescrever este remédio, conclui-se que é tempo de os homens de Deus ocuparem este vazio — e todos devemos ser homens de Deus.

Nunca cesso de maravilhar-me do poder restaurador que existe na correta relação entre o homem e seu Deus. Não faz muito, estive em contato de aconselhamento com um homem tão inseguro de sua própria identidade que compulsivamente coletava tudo no sentido de aumentar o seu prestígio e convencer os outros — e especialmente a si mesmo — de que era alguma coisa; que sua pessoa era importante; que havia algum tipo de significado para sua existência. A transformação havia, depois que adquiriu compreensão do amor de Deus, particularmente no que se podia ver desse amor no sacrifício expiatório de Cristo, não foi menos que miraculosa. O compreender que ele, na realidade, era importante a ponto de ser notado por um Deus infinito, que era suficientemente desejado a ponto de ser redimido pela morte do Filho de Deus — esta compreensão do amor de Deus fez por ele alguma coisa que nada no mundo poderia ter feito.

Não ousaria negar que a moderna psicologia tem ajudado a muitas pessoas. Não

negaria que em seu corrente vocabulário muitas pessoas têm encontrado novos intuítos. Mas é aqui que uma interessante possibilidade se apresenta a nossa geração. Não há aqui a possibilidade de que muitos de nossos jovens, levados pelo simbolismo e fé da psicologia, quando em face das perplexidades da vida possam encontrar a refrigerante e apropriada expressão da Palavra escrita, plena de significado para a sua experiência? Há hoje os que encontrariam a beleza iluminadora e refrescante das Escrituras, se tão-somente houvesse alguém que as lesse para eles.

Como vedes, nosso problema não é o não termos nada eficaz para os males da humanidade, mas sim em que temos sido ineficazes em comunicar nossas soluções. Temos estado tão obcecados com a idéia de que há "gigantes" ministradores na Terra que temos perdido a fé no Deus que prometeu dar-nos a Terra em possessão.

Não devíamos ir ao encontro das pessoas precisamente quando estão considerando, e interrogando, e buscando o significado da vida? Não as vemos ponderando sobre que forças têm prevalecido contra elas? Não notamos que em muitos desses casos essas horas de recolhimento e indagação representam precisamente o solo fecundo para a semente espiritual?

É justamente porque encontramos diariamente tais pessoas que temos necessidade de um ministério dinâmico.

BENJAMIM D. SCHOUN — Professor-assistente na Universidade Andrews
Foi pastor de igreja durante 14 anos

Pode o Pastor Ter Amigos?

Pode o pastor ter amigos? Por certo, os pastores se defrontam com obstáculos reais ao fazer amizades, obstáculos que vão desde simples problemas estratégicos até perigos que ameaçam a profissão da pessoa. Por exemplo, a distância geográfica que separa velhos amigos uns dos ou-

tros pode desanimá-los de ter encontros. E mesmo que a distância não constitua problema, as atividades muitas vezes privam o pastor de suas intenções de tomar tempo para atividades ocasionais.

Depois, há em muitos pastores o temor de que estreitos laços de amizade com os

próprios membros de sua igreja, venham despertar ciúmes e dividam a igreja. E, saber muito a respeito da vida particular de alguém, poderia pôr em perigo a imagem e posição do pastor como líder. Muitas vezes os pastores estão também envolvidos com confidências. Isto, certamente, pode restringir a liberdade da amizade. E os pastores dizem que as relações com alguns tipos de pessoas são difíceis de ser mantidas, porque os grupos têm crenças, valores e necessidades diferentes.¹ Sobretudo, o problema das constantes transferências lança sua aura de transitoriedade sobre as relações que permite desenvolver.

Com esses obstáculos em vista, podemos nós, os pastores, fazer amigos? Em certo grau, a resposta depende de quanto necessitamos de amigos. Muitas vezes cedemos com muita facilidade àquilo que de maneira diversificada achamos ser nosso destino ou chamado para a solidão sacrificial da liderança, e nos retraímos para nosso único Amigo infalível — o Senhor Jesus Cristo.

Espera-se que Jesus *seja* nosso melhor amigo. Se não, deveríamos corresponder a Suas propostas a nós. Ele promete ser conosco sempre “até o fim dos séculos” (S. Mat. 28:20, RSV). Convidou-nos para Seu trono, a fim de “receber misericórdia e achar graça para sermos ajudados em tempo de necessidade” (Heb. 4:16, RSV). Encontramos aqui uma aplicação bem prática da doutrina do santuário! Pode-se dizer a nosso respeito o que foi dito de Abraão: “Ele foi chamado o amigo de Deus” (Tiago 2:23, RSV).

Deus, porém, criou a humanidade para ter relações na esfera humana, também. Se o pastor deve ter amigos, cumpre-lhe avaliar a amizade. Cabe-lhe estar convencido de que ela é parte do plano de Deus para sua vida. Pessoalmente, creio que ela o seja. O perfeito relacionamento dos membros da Divindade, serve como exemplo das relações humanas.² Ser feito à imagem de Deus significa procurarmos pertencer a, estar em união com os outros, para agir em conjunto. A amizade é uma forma de prover essas necessidades — necessidades das quais os pastores não estão livres.

Além disso, Deus achou por bem usar pessoas para auxiliarem outras pessoas. O sacerdócio de todos os crentes não significa que cada membro de igreja sirva apenas a si próprio. Antes, sugere que somos todos ministros uns dos outros, interdependentes do corpo organizado.

Notemos o exemplo de Elias. Deus o ser-

viu diretamente, enviando os corvos para alimentá-lo, mas o serviu também por meio de uma mulher de Sarepta (I Reis 17). Quando ele temeu a Jezabel e pensou que fosse a única pessoa que ainda permanecia fiel, Deus o ajudou diretamente, enviando um anjo para alimentá-lo no deserto, e lhe falando com voz mansa. Mas Deus lhe disse também que ainda havia 7.000 fiéis em Israel. O isolamento havia destruído as perspectivas de Elias, e ele se havia desanimado. Deus o ajudou, depois disso, dando-lhe um companheiro permanente — Eliseu, que “o servia” (I Reis 19:21).

Várias vezes Paulo expressou apreciação por seus companheiros (e. g., Filip. 2:25; Filem. 10 e 13; II Cor. 7:6; Col. 4:14). Jesus também parece ter mantido relacionamento especial com Seus discípulos. Ele manteve ligações especialmente com Pedro, Tiago e João, e pode mesmo ter tido algo semelhante a um melhor amigo no discípulo amado (S. Mat. 17:1; 26:37; S. João 13:23; 19:26; 20:2).³

A AMIZADE NOS BENEFICIA

A amizade provê certo número de benefícios de importância vital para os pastores, bem como para as demais pessoas. De acordo com um exemplo,⁴ pastores valorizavam as amizades porque recebiam delas afirmação pessoal e incentivo. Elas fortaleciam o ser interior e capacitavam os pastores a serem mais eficientes nos desafios de seu trabalho. Viam as amizades como provedoras de ligação com outras pessoas, num contexto de confiança, combatendo assim o isolamento e a solidão. Valorizavam os amigos pelo estímulo intelectual e profissional, pela revelação pessoal e pela mutualidade de troca. As pessoas amigas tornam-se acessíveis umas às outras, e se ajudam mutuamente com deveres práticos. E as amizades ajudam as pessoas a terem uma visão mais realística de si mesmas e de suas limitações pessoais.

Certa vez um pastor me disse: “Mas eu estou a todo momento em volta das pessoas. Não preciso das pessoas; preciso de paz.” Isso pode ser verdade. Os indivíduos possuem necessidades diversas. Algumas são pessoas do povo, que prosperam nos muitos relacionamentos chegados. Outros preferem menos contatos e encontram energias nos períodos de solidão. Essas diferenças fazem parte da variedade da Criação de Deus. Mas alguém pode estar constantemente cercado por pessoas e ainda estar com necessidade de amigos. Isto é

um sintoma de extinção. Como ajudadores das pessoas, os pastores podem estar dando a si mesmos de maneira tão constante, que negligenciam o relacionamento onde partilhar e receber são mais salientes.

Em termos de família — um modelo que tanto Paulo como João usaram (e. g., I Tess. 2:11; I S. João 2:12-14) — todo pastor necessita de três tipos de relacionamento: os pais, irmão ou irmã, e filho.⁵ De um pai, a pessoa geralmente recebe mais do que dá. Os irmãos e irmãs equivalem-se em relativa igualdade. E à criança, a pessoa normalmente dá mais do que recebe. O pastor tem muitos relacionamentos nos quais ele pratica mais o dar. Esses relacionamentos são desejáveis; contribuem para sua satisfação. Mas ele necessita também do relacionamento no qual pode *receber* ajuda, como a de um "pai" pastoral. E precisa de muitos "irmãos" e "irmãs" pastorais com quem possa partilhar interesses mútuos e que ministrem um ao outro.

Se o pastor realmente valoriza as amizades e deseja amigos, precisa estabelecer prioridades que permitam reservar o tempo para promover estes relacionamentos. Não cederá tão facilmente, ao defrontar-se com obstáculos às amizades pastorais, mas neutralizará de maneira criativa algumas das forças bloqueadoras. Talvez mais importante ainda, ele esteja desejando revelar-se aos outros e partilhar um relacionamento mútuo.

Não obstante, devemos levar a sério os obstáculos, pois estes podem ser muito reais. Por essa razão, gostaria de sugerir outro princípio. Caso o pastor deva ter amizades que satisfaçam, cumpre-lhe admitir que cada uma delas será específica. As amizades com determinada categoria de pessoas contribuirão para satisfazer suas necessidades em certos aspectos, mas não em outros. Por exemplo, a amizade com um membro de igreja talvez não possa proporcionar os mesmos benefícios que a amizade com um colega de pastorado. Na verdade, o pastor pode achar que suas amizades lhe estão trazendo dificuldades, caso trate cada amigo como um amigo para todos os fins.⁶

PODE-SE TER AMIGO NA PRÓPRIA IGREJA?

Pode o pastor ter amigos em sua própria igreja? Já me disseram que jamais devo ter amizades íntimas entre os membros de minha igreja, porque isso traria problema. *Pode* ser um problema. A seriedade do pro-

blema depende da disposição mental da igreja e do grau em que o pastor se coloca num pedestal acima e à parte dos membros. O grau de conflito que existe na igreja e a maneira como o pastor e sua família orientam as amizades, também determinam se as amizades se tornam problema, e em que intensidade.

Tenho sido pastor de igrejas nas quais predomina uma atmosfera de reciprocidade; onde os membros aceitam a humanidade do pastor, mas ainda respeitam seu trabalho e liderança. Numa atmosfera assim pode o pastor revelar-se um pouco mais livremente e ser o *beneficiário* do ministério, bem como o outorgante do ministério. Pode ser que se façam recomendações contrárias, muitas vezes, quanto a essa questão, porque nem toda igreja tem esse tipo de atmosfera.

O pedestal do pastor — a projeção de qualidades irrealísticas e *status* exagerado sobre o pastor — traz consigo alguns problemas inerentes. Força o pastor a ser perfeito, ainda que ele saiba que tem fraquezas humanas. Essa discrepância leva muitas vezes seus ouvintes a um disfarce, a serem irrealistas e a negarem suas limitações. Pode nutrir nele sentimentos de inexistência, de imagem pessoal pobre, de hipocrisia, ou o temor de revelar-se. O pedestal também exerce pressão sobre a esposa do pastor e sua família. Esta é uma das principais coisas responsáveis pelo distanciamento das pessoas.

Ao corrigirmos esse problema, não devíamos procurar a exposição grosseira do pastor, mas a aceitação realística um do outro, a fim de que possa ocorrer a ministração recíproca entre o pastor e os leigos. Muitas vezes os pastores saltam do pedestal, apenas para se acharem em um poço de crocodilos.⁷ Emory Griffin ilustrou uma maneira melhor de incentivar essa compreensão realística entre os membros e o pastor: "Imagine duas tartarugas — face a face — com a cabeça quase oculta. Uma das tartarugas estica o pescoço um pouco mais. Se a outra responder à espécie, então a primeira se aventura a sair um pouco mais. Numa série de pequenos movimentos a primeira tartaruga termina com a cabeça do lado de fora, mas somente se sua parceira lhe seguir a orientação. A qualquer momento, ela está pronta para diminuir o ritmo, parar por completo, ou mesmo retrair-se."⁸

Em outras palavras, devemos acompanhar o posicionamento da igreja. Vagarosa e gentilmente, incentivamos algumas idéias novas. Obteremos maior sucesso se a ex-

posição pessoal não for um ato isolado. Se a congregação corresponder a nossa aventura inicial, podemos movimentar um pouco mais a cabeça — provando, experimentando, sentindo.

O pastor e sua família são levados naturalmente a amizades mais chegadas com certas famílias da igreja, simplesmente por causa de interesses comuns, experiências semelhantes na educação de filhos, ou seja o que for. Estes sentimentos não precisam ser reprimidos, até onde o pastor e sua família observem certos princípios de discrição. Eles devem manter claras distinções entre amizade e pastorado. Os problemas aparecem quando estes limites são descuidada e negligentemente observados. Na habilidade do seu ofício, deve o pastor servir igualmente a todos os membros de sua igreja. Ele não deve favorecer a ninguém, seja na visitação, em obséquios na comissão da igreja, ou em qualquer outra função da igreja. Nem deve apoiar-se nas amizades para conseguir que as coisas sejam feitas na congregação. Ele precisará usar de franqueza e honestidade com todos os membros. Contudo, fora do contexto institucional da igreja — durante o tempo que pertence ao pastor — podem ser feitas algumas amizades. Conquanto ele não deva ocultar esse relacionamento, em geral este deve ter pouca aparência. O pastor deve procurar evitar ser mal compreendido, sendo discreto na maneira como orienta essas amizades.

Os anciãos de igreja compõem uma fonte de amizades que normalmente foge à crítica. No meu modo de entender, o Novo Testamento indica que somos colegas de ministério, em geral comissionados a fazer a mesma espécie de trabalho. Gosto de dizer à igreja que os anciãos são meus colegas de ministério. Se isso for verdade, será real uma estreita associação. Supõe-se que devamos trabalhar juntos. Manter amizade com os anciãos pode trazer grande bênção e uma bênção "certa". A diferença de idade não cria barreiras, necessariamente. Como pastor jovem, gosto de fortalecer a amizade com vários de meus anciãos. Em particular, um deles se tornou um conselheiro para mim.

A despeito do sucesso na formação de amizades entre os membros da igreja, ainda existirão limitações. Pois devido à natureza confidencial de certas coisas, estas não podem ser reveladas. Uma vez que eles não são ministros de tempo integral, poderia ser difícil transmitir-lhes certos assuntos. A revelação pessoal deve ter limites apropriados. Essas relações não podem ser

revelações de serviço completo. Contudo, podem ser muito agradáveis e ajudar definitivamente a satisfazer as necessidades do pastor. Mas o pastor necessita de outras amizades além das que tem com sua congregação.

COLEGAS DE MINISTÉRIO COMO AMIGOS

Uma das agradáveis espécies de amizade é a que se tem com um pastor "irmão". Pode ser um amigo do tempo do seminário ou um colega de um distrito próximo. Que prazer é sorrir juntos, discutir planos, interesses e experiências que ambos entendem! Embora a distância possa às vezes limitar esses contatos, é válido o esforço no sentido de manter-se em contato, fazer uma visita ocasional, escrever, telefonar. Em certa época do meu ministério, tive o privilégio de reunir-me com vários pastores para estudar, discutir e nos recrearmos, mesmo que para isso tivesse de andar cerca de 160 quilômetros para chegar ali. Podemos diminuir os obstáculos para a conservação de uma amizade, se realmente a valorizarmos. Contudo, limitações inevitáveis mostram que mesmo esses relacionamentos não satisfazem plenamente nossas necessidades. Necessitamos de alguns amigos íntimos.

A ESPOSA COMO AMIGA

Uma das maiores fontes de amizade, que de ordinário o pastor também despreza ou não usa, é sua esposa. Como em qualquer relacionamento matrimonial, o pastor deve ser um amigo de sua companheira, bem como ser um cooperador. E o elemento da amizade tornará forte o casamento. Mas embora o pastor e sua esposa vivam juntos e cumpram seus deveres um para com o outro, ele pode estar tão ocupado que negligencie reservar tempo para comunicar-se, para trocar idéias, fazer planos, desmarcar horário, recrear-se juntos. Tanto a afirmação recíproca como a revelação pessoal, tornam-se facilmente negligenciadas. Muitas esposas de pastores são frustradas por causa dessa negligência. A amizade com nossa esposa pode ser a que mais se aproxima da perfeição.

Deve-se, contudo, ter cuidado, para que o pastor não espere tanto dessa amizade. Alguns, querendo proteger-se dos obstáculos a outras amizades, voltam-se para suas esposas, com o fim de preencher todas as suas necessidades. Certo homem me disse: "Minha esposa é a *única* pessoa com quem

realmente posso conversar." Isto coloca sobre a esposa um enorme fardo; pois talvez ela não tenha tanta prática profissional para servir de pastor do marido, mas ele a tornou sua única pessoa de apoio. Na verdade, isto não é bom para ela. Nem mesmo a esposa pode oferecer uma amizade de serviço integral, no sentido de satisfazer cada necessidade. (E assim como os homens necessitam de amizades além da que têm com suas esposas, devem lembrar também que as mulheres necessitam de amizades que não a do marido apenas — senhoras amigas que possam satisfazer-lhes necessidades que os homens não o podem fazer.)

Pode o pastor ter amigos? Sim, se ele avaliar as amizades, se envidar algum esforço para diminuir os obstáculos que possam existir, e se estiver disposto a ir além do familiar. Participar dos resultados de amizade proveniente de várias fontes, capacita a saúde social. Reduz a pressão de fazer com que qualquer simples amizade preencha todas as necessidades da pessoa.

A amizade vale o esforço. "Oh! o conforto, o indizível conforto de sentir-se seguro com uma pessoa; não tendo que pesar os pensamentos nem medir as palavras, mas expô-los todos, precisamente como são, palha e grão juntos, sabendo que uma mão leal as tomará e joeirá, guardando aquilo que vale a pena guardar, e depois, com o sopro da bondade, soprará o restante para longe!"⁹

Clarence Macartney elaborou seu mais bem conhecido sermão: "Vem Antes do Inverno",¹⁰ sobre os laços de amizade que existiam entre Paulo e Timóteo, descrevendo sua amizade como sendo consolidada pelo "malho da adversidade... numa indissolúvel amálgama." Nesse sermão, apela a seus ouvintes para que não negligenciem aquelas "vozes da amizade e da afeição" que surgem em seu caminho. Ao ouvirmos hoje essas vozes, é um privilégio podermos atendê-las.

1. Ver resultado de estudos de Benjamin D. Schoun, *Helping Pastors Cope* (Barrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1981), pág. 100.

2. Larry Graham, "Ministers and Friendship: An Examination of the Friendship by a Selected Group of Protestant Parish Clergymen in the Light of a Working Understanding and Theological Analysis of the Nature of Friendship", vol. 2. (Ph. D. diss., Princeton Theological Seminary, 1978), págs. 116 e 177.

3. Schoun, págs. 79, 84-86.

4. Graham, pág. 332.

5. A idéia para este conceito vem de Richard Frazier, "The Role of 'Need' in Pastoral Care", *Journal of Pastoral Care* 27 (Março de 1973): 37.

6. Um termo aplicado a esposas de ministros em Ann Himmelberger Wald, "Prescription for Healthy Friendships", *Partnership*, jan./fev. 1984, págs. 34-37.

7. Ver Irene Lovett, "Pastor on a Pedestal", em Thomas E. Kadel, ed., *Growth in Ministry*, (Philadelphia: Fortress Press, 1980), págs. 90 e 91.

8. Emory Griffin, "Self-disclosure: How Far Should a Leader Go?" *Leadership* 1 (Spring 1980): 130.

9. Palavras de Mary Ann Evans (George Eliot) como citadas em Alan Loy McGinnis, *The Friendship Factor* (Minneapolis: Augsburg Pub. House, 1979), pág. 36.

10. Publicado em Clyde E. Fant Jr., e William M. Pinson, Jr., eds., *Twenty Centuries of Great Preaching*, 13 vols. (Waco, Texas: Word Books, 1971), vol. 9, págs. 133-141.

SALIM JAPAS — Conselheiro da Revista *O Ministério*

Fogo de Deus na Evangelização

Sonho e Tarefa (Atos 16:7-10). Estou convencido de que ter sonhos e visões em relação com nossa responsabilidade de evangelizar, é uma necessidade prioritária do ministro adventista. Nessa hora decisiva, a sabedoria divina nos impressiona com a verdade de que ninguém pode viver sua tarefa evangelizadora além de sua visão e de seu sonho. George Deakin teve

um momento de lucidez quando afirmou que "uma visão sem um dever faz um visionário; um dever sem visão, um vadio sem ofício nem benefício; mas uma visão e um dever um perfeito missionário".¹

O apóstolo Paulo, que estamos citando na passagem bíblica referida no início do parágrafo anterior, teve a revelação de sua visão missionária, depois que o Espírito

Santo o impediu de viajar para a Bitínia. Sua visão foi tridimensional: Uma visão *vertical*, pois observou que "Deus nos chamava" e que esse chamado era para uma obra especial de evangelização. Foi uma visão *interior*, pois compreendeu que a obra de evangelização que estivera buscando não era suficientemente abrangente; precisava superar seu complexo regional para ir além de sua cidade, de seu idioma, de sua cultura. Foi uma visão *horizontal*, pois viu a Macedônia, viu a Europa, viu o Império, o mundo, a nós. As fronteiras da obra de Deus vão mais além: "Passa à Macedônia e ajudanos". O Evangelho precisava ir a todo o mundo, entendendo-se este não só como dimensão geográfica, mas como mundo social, econômico, trabalhista, político, acadêmico.

O íntimo do apóstolo recebeu, assim, o impacto da santidade divina, e sua vontade andou na direção do *dever*. Graças a sua firme *convicção*, a sua grande *compaixão* e a sua total e indivisível *consagração*, o apóstolo se tornou um instrumento de poder nas mãos de Deus. Sua lealdade à obra evangelizadora indicada constituiu fator decisivo para que a mensagem salvadora nos chegasse até essa altura do tempo.

Devemos admitir que nossa época é uma época que está relativamente segura de suas técnicas e conhecimentos, mas desorientada quanto a seus objetivos e destino. Altissonante quanto a sua força, mas temerosa por causa de sua debilidade. Uma sociedade relativamente rica no que tange a coisas materiais, mas falida espiritualmente. É uma época *obscura*, quase cega para a vida do espírito, mas ainda assim preludia a *primavera da esperança*. Nesse momento estamos recebendo as batidas das ondas do destino; estamos na encruzilhada a fim de decidir quanto à *intensidade e qualidade* do avanço que visualizamos para nossa obra evangelizadora. Precisamos, portanto, da *visão de Deus* para ir além de nossa *própria visão*. Sem *visão* não há vida, e o melhor que podemos fazer por alguém, quando o último dos seus sonhos missionários feneceu, é sepultá-lo. Alguns pastores adventistas se acham nesse instante debatendo-se entre as lembranças do passado e os sonhos do futuro.

É possível que o *trabalho pessoal* para esses pastores esteja impedindo a visão de nosso Senhor para a *obra evangelizadora* que devemos realizar. O avanço evangelizador e o crescimento espiritual e profissional atualizam-se, às vezes, ao preço de uma decisão crucial. Deve-se dizer com franque-

za, não há possibilidade para o regateio quando se trata de renovar a *visão* e empurrar os limites do reino para fronteiras mais distantes. Não, não há opções, o desafio da obra de evangelização exige que decidamos entre sepultarmos a nós mesmos no conformismo, negativismo e pessimismo, ou *sonhar juntos* o sonho da grandeza, antecipado na revelação divina (Bíblia e Espírito de Profecia), que nos leve à culminação de nossa obra com glória.

TEOLOGIA E EVANGELIZAÇÃO (Isa. 49:24 e 25)

A evangelização, como a entendemos, é mais do que um programa, mais do que uma estratégia, mais do que uma metodologia; é uma paixão que se cristaliza em resgate: "Por certo que os presos se tirarão ao valente". Este é um resgate que reclama *urgência*, porque "o aumento da iniquidade é tal, que multidões se aproximam rapidamente de uma condição em que, em sua experiência pessoal, ficam de tal maneira que é muito difícil de alcançá-las com o vivificante conhecimento da mensagem do terceiro anjo."² O amor apaixonado a Deus e a Sua obra é o segredo do êxito na evangelização. Empreendimentos sem amor são empreendimentos mortos, e ministros de êxito são aqueles que mantiveram aceso o fogo sobre o altar do entusiasmo e avançaram com fé, mesmo contra toda expectativa.

Tenho perguntado às vezes a mim mesmo: O que nos *falta* para terminarmos nossa obra de proclamar a mensagem do terceiro anjo aqui e, em seguida, ir para nosso lar de além? Talvez não nos falte *nada*. Temos dinheiro, tempo, uma estrutura eclesial eficaz, uma programação brilhante, uma mensagem bonita, centralizada na pessoa de Cristo. Talvez o que nos esteja faltando seja o *homem* (Ezeq. 22:30), o *crente* cheio de entusiasmo para avançar na obra. Quando D. L. Moody, o grande evangelista, ouviu o ministro inglês Mr. Varley dizer: "Moody, Deus espera mostrar ao mundo o que pode fazer com um homem que se consagre inteiramente a Ele", Moody levantou-se de um salto e declarou: "Mr. Varley, pela graça de Deus serei esse homem". E tu?

Não sei se minha observação se ajusta perfeitamente à realidade, mas na minha maneira de ver a Igreja Adventista em certas regiões tem limitado o poder de seu testemunho mediante certos defeitos conceituais. Tem sido pulpocêntrica em excesso. O princípio bíblico do *sacerdócio universal*

dos crentes (I Ped. 2:9) não tem sido esclarecido até suas últimas conseqüências. A evangelização adventista em áreas que poderiam ser identificadas sem dificuldade, tem-se tornado função quase exclusiva de certos *especialistas*. Talvez devamos perguntar: Qual a proporção dos pastores de nossa igreja que têm atualmente a significativa experiência de ser instrumentos de Deus para a salvação de almas? O pastor que está tão envolvido com sua obra pastoral que não dispõe de tempo para salvar almas, também não deveria ter tempo para ser pastor. Por definição, o pastor deveria conhecer e fazer mais evangelismo do que o melhor dos leigos de sua igreja. Um dos erros que a meu ver tem significado estancamento, é o reconhecimento tácito de que a "obra de evangelista" (II Tim. 4:5) seja um trabalho separado, diferente da obra do pastor.

Minha convicção pessoal, apoiada em afirmações claras da Palavra de Deus, é a de que cada ministro do evangelho que tenha sido chamado por Deus para ministrar na igreja, pode usar os dons e habilidades de que dispõe para trazer almas aos pés da cruz. Se não é capaz de fazer esse trabalho, também não pode ser pastor. É importante lembrar que a salvação de almas é *precisamente* o centro do ministério; se houver fracasso neste ponto, nenhum outro êxito poderia ser aceitável.

Parte do púlpito adventista contemporâneo em alguns setores é intelectual, *up to date*, especulativo, teológico; mas, perguntado a mim mesmo se esse *approach* é uma resposta adequada para o desafio da hora. Como disse alguém, "mais do que lidar com assuntos temporais, devemos lidar com assuntos eternos"; ou, como diz o Espírito de Profecia, "a pregação da Palavra deve apelar para o intelecto e comunicar conhecimento, mas abrange muito mais do que isso".³ Se minha observação for amadurecida, devemos reconhecer que a nota que se perdeu é a evangelização, mas se o mundo deve ser advertido, sensibilizado e atraído para o pé da cruz, cada pastor adventista e cada membro da igreja deveria alistar-se *voluntariamente* para proclamar o evangelho.

Outro trecho que chama a atenção é a dicotomia que tenda a *separar* a teologia da evangelização. Por mais que se procure justificar, a separação é uma aberração teológica; nas Escrituras, nunca se separa uma da outra. Paulo, o maior teólogo da igreja, é o evangelista por excelência, e como Paulo todos os fundadores da igreja apostólica.

Não podemos encontrar no relato bíblico um único exemplo de alguém que se tenha dedicado a praticar teologia independente ou exclusivamente. Todos eles foram apaixonadas testemunhas de Cristo, e sua primeira e mais importante função não foi a especulação ou a investigação; foi a *proclamação*. Reconhecemos que a mensagem que proclamavam estava cheia de um claro conteúdo teológico, o *kerigma* evangélico. É que a evangelização sem adequado conteúdo teológico logo desanda em sentimentalismo, emocionalismo ou retórica. No que respeita ao último item, nós adventistas não precisamos pedir desculpas.

REAVIVAMENTO E PODER (Atos 1:8; 2:1-4)

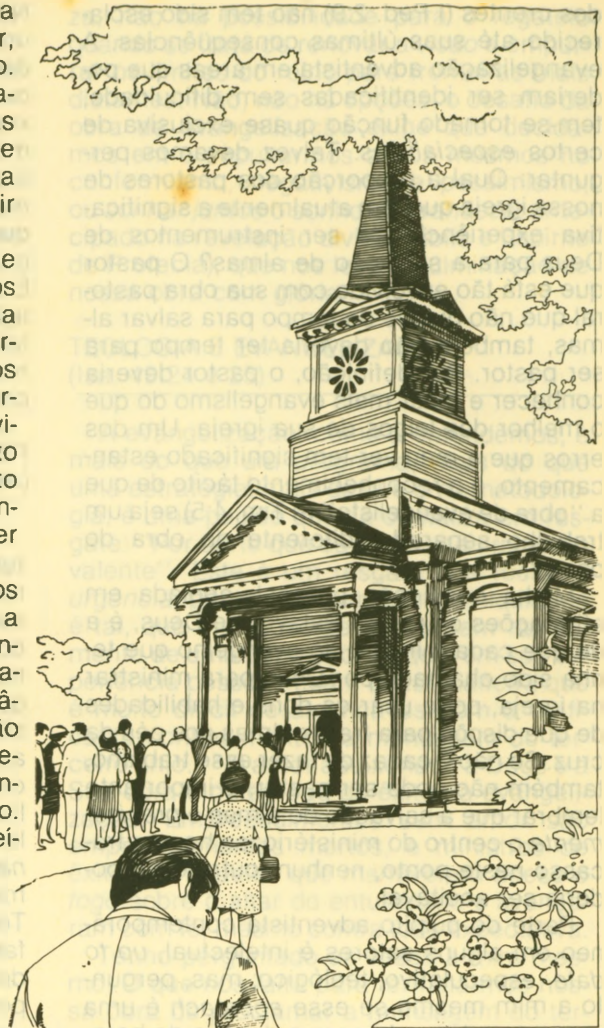
Devo ressaltar isso: sou otimista, e o futuro nos pertence. Se Deus, em Sua infinita misericórdia, deu-nos um Pentecostes no surgimento da igreja, pode conceder-nos outro na culminação de sua história. Temos, porém, um inimigo audaz contra o qual devemos lutar: a *apatia*. Dá a impressão de que o desejo de reconhecimento e aceitação impulsiona a igreja para os recantos de um formalismo com aparência de liturgia. Nesses recantos, a igreja entra em letargia. Os ideais que melhor expressam a *natureza da igreja* adormecem, o nosso inimigo nos arrebatou o amor à evangelização. Temos a tocha, mas esta não está acesa; falta o poder espiritual para conduzir o povo de Deus até a *fronteira*, o lugar onde o reino pode ser estendido. Ainda que seja doloroso, devemos admitir que em algumas de nossas igrejas já não se fala a *linguagem de Sião* com clareza. Não mais falamos, mas dormimos na igreja. As colunas do templo transformaram-se em travesseiros. Dormimos, e não ouvimos a voz de Deus. O reavivamento e o poder tardam a chegar. Mas mesmo assim há esperança. Deus está acordado, e "quando pomos o coração em unidade com Cristo, e a vida em harmonia com Sua obra, o Espírito que caiu sobre os discípulos no dia de Pentecostes será derramado sobre nós".⁴

Necessitamos do *fogo de Deus* para terminar esta obra. Temos uma *missão* à qual não devemos nem podemos renunciar. O evangelismo é um *desafio sem opções*; salvar almas é a coisa prioritária. Em algumas regiões do mundo onde a igreja se mantém acesa e o ministério arde em chamas, a obra avança. Em outros lugares, por outro lado, a igreja está *morna* em um mundo *indiferente*, talvez porque não haja *fogo* nos

pastores. O anterior não nega a existência de certo poder na igreja. Sim, há poder, mas limitado. Só o *poder de Deus* é infinito. Como estrutura eclesiástica, podemos traçar planos e escolher estratégias, mas Deus tem a soma do poder e Ele pode concedê-lo a Sua igreja: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós".

De certo modo, somos os artífices de nossa própria debilidade. Depende de nós mesmos nos iluminarmos com a luz mortíça de nossa própria candeia, mas, se quisermos receber o poder pentecostal, devemos a ele submeter-nos. Então "quando tivermos sincera e inteira consagração ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse fato mediante um derramamento de Seu Espírito sem medida; isto, porém, não terá lugar enquanto a maior parte da igreja não estiver colaborando com Deus."⁵

Minha convicção me impele, devemos buscar com fervor o *batismo do fogo*. Se a pressa pelo batismo do fogo fosse tão grande como o é pelo *batismo da água*, abriríamos espaço para uma igreja fervorosa, dinâmica, cheia de carisma pentecostal. Então nosso testemunho seria uma voz e não apenas um eco. Uma voz que proclama a grandeza de Deus e a iminência de Seu retorno. Então a GRANDE COLHEITA 90 será o veículo significativo de nosso testemunho.



1. Leonard Ravenhill, *Why Revival Tarries* (Bethany Fellowship, 1959), pág. 23.

2. Ellen White, *Evangelismo*, pág. 25.

3. *Idem*, págs. 209 e 210.

5. *Idem*, págs. 697 e 698.

5. *Idem*, pág. 699.

Cinco maneiras como a *Revista Adventista* colabora no preparo da Igreja para o encontro com Cristo:

- Alimenta espiritualmente os leitores, fortalecendo-lhes a fé em Jesus Cristo como seu Salvador, e aumentando-lhes a confiança em Deus e no triunfo do Movimento Adventista.
- Aprofunda seu conhecimento das verdades bíblicas, especialmente das três mensagens angélicas.
- Informa os leitores quanto aos planos gerais para o cumprimento da missão da Igreja e mantém-nos atualizados no tocante ao progresso da Obra.
- Fortalece a devoção pessoal e a estabilidade do lar.
- Atua como elemento unificador da Igreja.

Essas são cinco razões para você a assinar ainda hoje.

Procure o SELS de seu Campo. Ou entre em contato com a Casa Publicadora Brasileira, Fone (0152) 51-2710, Caixa Postal 34, Tatuí, SP — CEP 18270